

QUEM DISSE QUE MULHER NÃO BATE? O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DE MULHERES AGRESSORAS EM FEIRA DE SANTANA 1940-1960

Luiz Alberto da Silva Lima*¹
Prof^a Dr^a Acácia Batista Dias**

Resumo: *Este artigo analisa a condição feminina em Feira de Santana em meados do século XX, a partir dos periódicos e processos-crime envolvendo mulheres agressoras. Pela análise da documentação catalogada, emergem-se sujeitos cujos discursos e imagens apontam para uma dada “condição feminina” relegada à passividade e fragilidade. A proposta é discutir e identificar a construção histórica e social dessas mulheres sobreposta aos modelos de conduta feminina. O presente estudo situa-se no período de modernização de Feira de Santana, marcado por transformações urbanísticas e morais que permeiam novas maneiras de conflito e de convivência dessas mulheres das camadas populares.*

Palavras-chave: História das mulheres; Mulheres agressoras; Violência de gênero; Modernização.

AS MULHERES E A HISTÓRIA

Há muito que as produções historiográficas vêm passando por um processo de renovação, promovido pelos *Annales*. A criação da Revista *Annales*, em 1929, tinha por objetivo romper e criticar a historiografia positivista, preocupada em elucidar heróis e fatos heróicos, privilegiando as fontes diplomáticas, ditas oficiais. Essa ruptura promovida pelos *Annales* permitiu eleger novos objetos, dialogar com outras ciências, ampliar e problematizar as fontes de análise histórica, tais como: oralidade, literatura, jornais, diários, cartas². Nas palavras de Erivaldo Neves:

Os historiadores dos *Annales* desenvolveram novos campos de conhecimento, pluralizando objetos de estudo da história, flexibilizando suas fronteiras e ampliando possibilidades de assimilação de elementos das disciplinas vizinhas. Desse modo, eles reafirmaram ciências novas (sociologia, antropologia, demografia, semiologia); renovaram ciências tradicionais (linguística moderna, nova história econômica); e promoveram interdisciplinariedades (psicolinguística, etnohistória, sóciobiologia, história sociológica, demografia histórica, antropologia histórica). (NEVES, 2002, p 31).

A partir desses novos pressupostos, o campo de atuação do historiador foi extremamente ampliado, permitindo a abrangência de temas ligados ao cotidiano e ao privado, espaços estes que possibilitam a emergência de novas categorias de análise, tais como *gênero*³.

Os estudos de gênero, assim como a História das Mulheres, são abordagens recentes na historiografia e demais Ciências Humanas, por isso, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas e muitos espaços a serem conquistados. Para J. Scott este campo da história não

* Graduando em História pela UEFS, membro do Mulieribus (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher e Relação de Gênero). E-mail: luizuefs@yahoo.com.br. Autor.

** Professora do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS, Coordenadora do Mulieribus. E-mail: Acaciabatista@uol.com.br. Orientadora.

² Ver também: Burke, Peter. *A Escola dos Annales: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo, Unesp, 1945.

³ Ver :SCOTT, 1992; TILLY, 1994.

requer somente uma narrativa simples e linear, no entanto deve-se buscar um relato mais complexo que abranja a História das Mulheres e ao mesmo tempo as relações com a participação do movimento feminista e a atuação política das mulheres. O conceito de gênero deve ser percebido como um saber acerca das relações entre os sexos, indicando uma compreensão social e cultural dos indivíduos. A partir desses pressupostos, gênero é uma construção sócio-histórica, por isso está presente em toda a organização social. Pelas palavras de Joan Scott:

Gênero é, de fato, um aspecto geral da organização social. E pode ser encontrado em muitos lugares, já que os significados da diferença sexual são invocados e disputados como parte de muitos tipos de lutas pelo poder. O saber social e cultural a respeito da diferença sexual é, portanto, produzido no decorrer da maior parte dos eventos e processos estudados como história. (Scott 1994: 20)

Pensando gênero como saber relacional e construído historicamente, J. Scott ainda afirma:

Gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais. Uso saber, seguindo Michel Foucault, com o significado de compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas, no caso, relações entre homens e mulheres. Tal saber não é absoluto ou verdadeiro, mas sempre relativo. Ele é produzido de maneira complexa no interior de epistemes que têm, elas próprias, uma história autônoma(ou quase). Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder, de dominação e de subordinação são construídas⁴.

Arelado às contribuições do conceito de gênero, este artigo tem como objetivo elucidar um pouco da História das Mulheres em Feira de Santana nas décadas de 40 a 60, partindo de inquietações que me surgiram ao observar aspectos relacionados à violência de gênero, nos quais as mulheres sempre ocupavam o lugar de vítima. Por isso, este trabalho debruça-se na análise dos processos-crime de homicídio e de lesões corporais das décadas supra citadas, nos quais encontram-se mulheres ocupando o lugar de ré. Com isso elucidam-se as experiências de vida, discursos e imagens de e sobre mulheres agressoras.

MULHERES AGRESSORAS E FORMAS DE VIOLÊNCIA

O objetivo deste artigo é expor que, historicamente, as mulheres também assumiram os papéis de sujeitos da violência, rompendo com a visão da mulher sempre passiva e submissa, na condição de vítima da ação violenta. Para Raquel Soihet,

esta é uma oportunidade de apresentar uma face da mulher, via de regra oculta, em termos de reação a uma violência que lhe é imposta, além de muitas vezes esta tomar a iniciativa de agir violentamente. Não esqueçamos que, tradicionalmente, as mulheres são apresentadas como passivas, dóceis, frágeis, submissas⁵.

⁴ SCOTT, Joan.. “Prefácio A Gender And Politics Of History”. In: Cadernos Pagu: desarcordos e diferenças. Campinas (3) 1944: 11-27.

⁵ Ver: SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. P. 7.

Segundo a autora, importante é recuperar a história de mulheres das diversas camadas, em especial a das camadas populares, desmitificando estereótipos e revelando novas dimensões no comportamento das mesmas.

A compreensão acerca da violência de gênero deve ser percebida como uma nuance de ações e expressões que agredem, que não necessariamente é uma agressão exclusivamente física. Demonstro, aqui, a necessidade de dar voz às mulheres das camadas populares, e expor suas práticas de vida, inclusive as práticas violentas, quer envolvidas em brigas de vizinhas, ou em crimes passionais. Natalie Davis, citada por Scott, já afirmava em 1975, “penso que nós deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos trabalhar somente com o sexo oprimido, assim como um historiador das classes não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses”⁶. Corroboro com esta afirmação, e entendo que se deve incluir na escrita da História das Mulheres, as experiências de vida daquelas mulheres transgressoras da “condição feminina”⁷, através do embate violento, seja intra-gênero ou extra-gênero.

As principais fontes de análise histórica deste artigo são os processos-crime e jornais do referido período. Através da análise e catalogação dessas fontes até o dado momento, pode-se demonstrar em dados estatísticos: dos 09 processos crimes de homicídio catalogados, envolvendo mulheres agressoras, 08 são contra homens e 01 infanticídio, no entanto dos 23 processos crimes de lesões corporais, são 10 ações contra homens e 13 ações contra mulheres⁸. A partir dessa documentação, percebe-se nitidamente as diferenças de reações nas maneiras de violência, devendo-se destacar ainda, que as lesões provocadas em homens são mais graves que as provocadas em outras mulheres. Esses dados apontam para duas realidades: primeiro, desmitifica a idéia da mulher passiva e frágil, que por tal realidade, não tenha força ou coragem de reagir ou mesmo agredir. Segundo, demonstra que as mulheres tomam o passo da agressão quando estão em situação de vantagem, ou seja, o companheiro está embriagado, dormindo ou debilitado, o que acusa uma realidade de extrema saturação dessas mulheres à sua condição dentro dos lares.

Pela documentação resgata-se o cotidiano de mulheres agressoras em Feira de Santana, assim como o cotidiano social da cidade, pois, através dos autos dos processos, resgatam-se as concepções morais, religiosas, comportamentais e políticas dos sujeitos da época.

Um dado salutar e instigante nos processos analisados é a supressão da violência feminina. Notam-se casos em que mesmo a mulher sendo declarada autora da violência, a vítima busca esconder ou disfarçar tal fato, isso por motivo de vergonha e auto-afirmação da condição dominadora masculina, ainda mais quando isso ocorre em sobre Feira de Santana de meados do século passado, uma sociedade conservadora e machista, onde não se aceitava facilmente que um homem apanhasse de uma mulher. Isso é bem evidente no Processo de Jovelina Ferreira (“pequena”), solteira, doméstica, 32 anos, analfabeta com 03 filhos, residente no Distrito de Humildes, em que, apesar de 04 testemunhas afirmarem ter sido Jovelina a autora da agressão, José Pedro Matos, a vítima, nega veementemente ter sido agredido pela amásia, tanto que o delegado escreve nos autos quando passa o processo para juízo:

Uma cousa, porém está patenteada e se compreende bem: não foi Jovelina a autora da agressão, pois que, quando aludimos por mais de uma vez sobre a autoria do crime de Jovelina o velho José Pedro Matos nega categoricamente a

⁶ Scott, Loan W. “Gênero uma categoria útil de análise histórica”. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, V. 16, n° 2, jul/dez, 1990, pp 5 – 22.

⁷ Penso condição feminina numa noção sexuada, propagada na maior parte do tempo e das sociedades, como uma expressão autodefinidora consolidada como indicativa da universalidade das desigualdades em relação aos homens.

⁸ Os documentos catalogados encontram-se no Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC), UEFS, CAU I.

responsabilidade da sua amante em torno da ocorrência, que por um triz, não o vitimou.⁹

Outras peculiaridades são notadas nos processos, a exemplo de que a maioria das agressões realizadas contra homens ocorre no âmbito conjugal, não necessariamente na família, notando-se que isso se expressa ainda mais forte nos homicídios.

Assim como a utilização dos processos-crime é importante para resgatar as experiências de vida dessas mulheres das camadas populares, muitas vezes silenciadas pela historiografia ou estigmatizadas nos modelos de conduta feminina, também a utilização dos periódicos e jornais é de extrema importância na apreensão do contexto social das décadas estudadas, compreendendo assim, o modelo de conduta feminina que se propagava na época, além de trazer à luz o cenário político e econômico e as transformações estruturais do município de Feira de Santana, através de discursos mordenizadores e de contestação a essa modernidade¹⁰, assim como “cenas de civilidade”¹¹, a exemplo desta citação do Jornal Folha do Norte de 27 de janeiro de 1940, que tem como título Casebres que merecem desaparecer:

O oxigênio vitalisante do urbanismo remodelado vetusto prédio da rua Cons. Franco, derreio também casebres que afeitavam a ruela transversal que liga a grande artéria citadina à praça Bernadino Bahia e serviam de quitanda e officina de ferreiro, aos fundos do Quartel do Tiro de Guerra 332.

Foi providencial essa desapareição e oxalá a engenharia municipal e a Saúde Pública conjuguem esforços no sentido de virem a ser demolidos outros antros de gente de vida airada infectos e inficcionantes, pocilgas já em ruínas, como são, por exemplo, os imundos cochicholos da rua Riachuelo, que não dispõem de um palmo dos mesmos, para serventia dos que ocupam.

Ali faz-se despejo de excretos e águas servidas de toda espécie em pleno leito da travessa que também atravancam com vasilhames de cosinha, mesas desconjuntadas, catres intanguidos de parasitas, bacias e gamelas em que lavam roupas ao ar livre, transformando em coradouro o passivo que os defronta.

Ainda há mais: o glossário de termos indecorosos ali em uso constitue verdadeiro attentado à moral pública.

Por tudo isso, merecem desaparecer taes casebres tão prejudiciaes no centro de uma cidade adiantada e culta como é a Feira.¹²

Historicizar e inserir as mulheres das camadas populares que transgrediram a dita “condição feminina”, no contexto de modernização de Feira de Santana, foi o objetivo direto deste artigo, compreendendo que nos processos de modernização, criam-se ou (re)significam-se novos padrões de conduta e moral. Partindo dessa perspectiva, o referente texto analisa como a sociedade feirense encarava os casos de mulheres que apareciam em jornais nas páginas policiais e não em colunas sociais, como pregava a moral e os bons costumes. Ainda aqui afirmo que pensar as relações de gênero, neste trabalho, é buscar compreender de maneira relacional como foram construídas as identidades femininas na Princesa do Sertão¹³, cidade em que o maior ícone de bravura e heroísmo é representado por uma mulher: Maria Quitéria; em contrapartida, o ícone da força e da dominação é vaqueiro.

⁹ CEDOC Nº do Documento 1705, Caixa 87, Estante 03, Período de início: 1952, Nº de folhas 34, p 19.

¹⁰ Sobre essa discussão sobre a modernidade de Feira de Santana, ver: OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana M. *De empório a Princesa do Sertão: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893 – 1937)*. (Dissertação de Mestrado), UFBA, Salvador. 2000.

¹¹ LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se – Ideais de civilização e cenas de anti- civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador – 1912-1916*. (Dissertação de Mestrado) Salvador, UFBA, 1996.

¹² Jornal Folha do Norte, 27 de janeiro de 1940, ano 31; número 1594, p 1.

¹³ Apelido cunhado por Ruy Barbos em 1919, quando este visitou Feira de Santana.

Resgatar historicamente as atrizes e os atores sociais, encontrados espacialmente nos subúrbios, distritos e meretrícios da cidade de Feira de Santana, é um fato que denota a necessidade de ampliação das abordagens sobre a História das Mulheres das camadas populares na Bahia e, em especial, evidenciar as relações sociais, culturais e sexuais das mulheres e homens sertanejos.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 13º Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se – Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador – 1912-1916*. (Dissertação de Mestrado) Salvador, UFBA, 1996.

OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana M. *De empório a Princesa do Sertão: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893 – 1937)*. (Dissertação de Mestrado), UFBA, Salvador. 2000.

OLIVEIRA, Cristina Barbosa de. *A Mulher no Espaço Feirense: casa, rua e trabalho (1879-1930)*. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) UEFS. Feira de Santana, 1997.

SAFFIOTI, Helieth I. B. e ALMEIDA. Suely Souza de. *Violência de Gênero: Poder e Impotência*. Revinter, 1995.

SAMASSO, Rita de Cássia. *Criminalidade e Condição Feminina: Estudo de Caso das Mulheres Criminosas e Presidiárias de Marília – SP*. Revista de Iniciação Científica da FFC, V. 4, nº 3, 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Porto Alegre, Educação e Realidade, 22, jul/dez. 1990.

SCOTT, Joan.. “Prefácio A Gender And Politics Of History”. In: *Cadernos Pagu: desacordos e diferenças*. Campinas (3) 1944: 11-27.

SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

_____. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. *Os Domínios da História*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.